

Martin Corley há mais de 30 anos que contribui, de forma consistente, para o conhecimento das nossas borboletas noturnas. Entre vários artigos científicos e descrições de novas espécies, algumas das quais ainda hoje consideradas endémicas, destaca-se a sua obra pioneira "*Lepidoptera of Continental Portugal - A fully revised list*", publicada em 2015, na qual reuniu todo o conhecimento disponível acerca das borboletas existentes em Portugal. Em continuação do trabalho que já vinha a desenvolver juntamente com outros naturalistas e cientistas, desde a publicação do seu livro, tem atualizado oficialmente o conhecimento da nossa fauna de borboletas noturnas através da publicação de um artigo anual. Em suma, Martin Corley cimentou a informação dispersa existente e criou uma base sólida para os futuros entomólogos/lepidopterólogos que trabalhem em Portugal.



Foto: Sónia Ferreira

REBN: Quando e como se interessou pelo estudo das borboletas noturnas?

MC: O meu interesse pelas borboletas começou quando tinha 11 anos. Em 1955, o verão inglês foi excecionalmente quente e seco e os campos da Quinta da família estavam cheios de *Colias croceus*, uma espécie migrante na Grã-Bretanha. Nos anos que se seguiram, o meu interesse foi crescendo, facto que se refletiu na captura de borboletas noturnas nas janelas da casa e num anexo, onde ficava uma luz acesa. Também usei “açúcar” (uma mistura de açúcar com cerveja, ou outros ingredientes semelhantes) com o qual pintava os troncos das árvores. Este método revelou-se, por vezes, muito eficaz para atrair borboletas noturnas.

Em 1963, depois de terminar a escola, economizei o dinheiro necessário para comprar uma armadilha com lâmpada de vapor de mercúrio do tipo *Robinson (Mercury Vapor – MV)*, o que aumentou muito o número e a variedade de borboletas que pude observar. Nesse verão, passei duas semanas com um amigo a viajar pela Irlanda, onde tive a oportunidade de utilizar a lâmpada MV acoplada a um suporte feito em casa, com recurso à eletricidade de casas das redondezas. Nos seis anos seguintes, não tive muito tempo para me dedicar às borboletas noturnas, pois estive muito envolvido em estudos de botânica na Universidade de Oxford. A partir de 1971, regressei à Quinta da família e recomecei a capturar borboletas noturnas, regularmente. No entanto, não tive oportunidade de observar borboletas noturnas noutros locais, para além da Escócia, onde passava as férias anuais em família.

Em 1980, comecei a utilizar a armadilha na minha vizinhança. No início recorria à eletricidade da casa de amigos e, mais tarde, a um gerador emprestado. Em 1984, comprei o meu próprio gerador, de marca Honda, pequeno e fácil de transportar, mas com energia suficiente apenas para uma lâmpada MV. E foi assim que fiquei equipado para procurar borboletas noturnas noutros locais e *habitats* do meu condado – Oxfordshire – aumentando, dessa forma, o meu conhecimento e experiência.

REBN: Por que motivo escolheu Portugal para desenvolver o seu trabalho sobre borboletas noturnas?

MC: No final da década de 1980 comecei a pensar em capturar borboletas noturnas noutros países do continente europeu, onde existem muitas espécies que não estão presentes na Grã-Bretanha. No início de 1989, um botânico amigo dos tempos de Oxford, convidou-me a mim e à minha família a partilhar com a sua uma vivenda no Algarve, durante uma semana, no mês de março, pois necessitava de alguém para dividir o aluguer. Desta forma, eu, a minha mulher e os meus dois filhos ocupámos uma das duas partes independentes da casa. Combinei com o proprietário da vivenda o empréstimo de um gerador e levei comigo o equipamento mínimo para utilizar a luz MV. No entanto, visto o tempo estar fresco e chuvoso, o gerador só foi utilizado uma vez, na última noite, na Lagoa da Nave, perto de Salir. Contudo, como a flora algarvia era maravilhosa consegui, para além das borboletas noturnas capturadas durante a noite, recolher algumas lagartas e borboletas noturnas durante o dia.

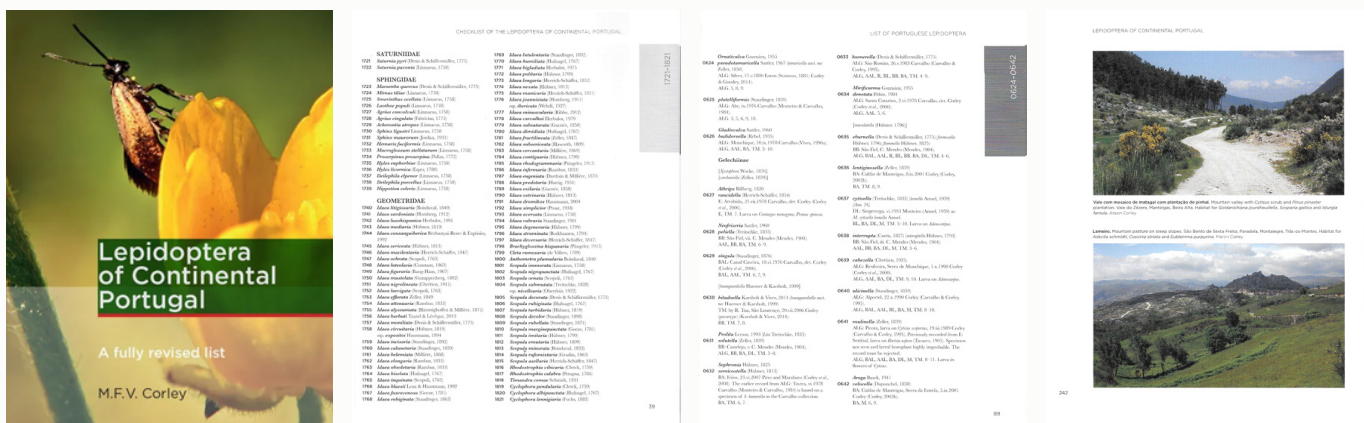
Juntando as borboletas que resultaram das lagartas que criei com as que capturei no campo, voltei para casa com 250 borboletas de 142 espécies, porém, o verdadeiro desafio residiu na sua identificação. Muito embora tenha conseguido identificar cerca de metade com bastante facilidade, porque algumas eram espécies que também ocorrem na Grã-Bretanha, outras eram espécies raras que nunca tinha visto. Relativamente à outra metade, as macros não eram muito difíceis de reconhecer, mas muitas das micro estavam para além das minhas capacidades, na medida em que a literatura disponível sobre micros do Sul da Europa era quase nula e não havia Internet. Assim, enviei alguns espécimes para Espanha, para serem identificados por uma pessoa que na altura fazia identificação de micros, no entanto, mais tarde, descobri que metade das suas identificações estavam erradas. Outro problema, que rapidamente se tornou evidente, foi a inexistência de uma lista definitiva de lepidópteros portugueses. Apesar destas dificuldades, a minha primeira semana em Portugal acrescentou pelo menos 16 espécies à fauna portuguesa, incluindo a espécie *Eupithecia dodoneata*. Fiquei "apanhado"!



Foto: Rebeca Campos

REBN: Resumidamente, que trabalho tem desenvolvido no âmbito das borboletas noturnas de Portugal?

MC: Após várias visitas a Portugal, ficou claro que não existia uma lista confiável dos Lepidoptera portugueses. As listas até então publicadas eram, na sua maioria, incompletas (continham principalmente macro Lepidoptera) e para além do mais, não continham dados concordantes entre si. Algumas apresentavam erros óbvios e outras, dados duvidosos. Deste modo, cheguei à conclusão que, se quisesse uma lista confiável, teria de ser eu a fazê-la. Este trabalho requeria o estudo de toda a literatura relevante, o exame de coleções recentes e históricas e trabalho de campo no maior número de regiões possível. Comecei, assim, a trabalhar neste projeto em 1998 e terminei em 2014 com a publicação do livro *Lepidoptera of Continental Portugal: A fully revised list*. Desde 2015 estou envolvido no projeto do CIBIO/InBIO's que tem como objetivo o desenvolvimento de uma base de dados de códigos de barras de ADN de invertebrados, que permita adquirir um vasto leque de conhecimentos sobre a biologia e a taxonomia dos organismos portugueses.



REBN: Tem algum comentário a fazer ao surgimento da Rede de Estações de Borboletas Nocturnas?

MC: Estou bastante satisfeito com esta iniciativa, pois a REBN cria a oportunidade para que mais pessoas desenvolvam o interesse por estes animais fascinantes. A atmosfera amigável, criada pelas atividades do grupo, é muito encorajadora para os iniciantes. Do ponto de vista científico, uma rede de registo de dados está muito bem posicionada para documentar mudanças na distribuição das espécies de borboletas noturnas. Seria importante que surgissem mais estações no interior do país.

REBN: Sendo a pessoa que mais contribuiu para o estudo das borboletas noturnas de Portugal, que aspetos considera essenciais para avançar com o seu legado?

MC: Não concordo que seja a pessoa que mais contribuiu para o estudo das borboletas noturnas em Portugal. Cândido Mendes de Azevedo acrescentou cerca de 700 espécies ao número de Lepidoptera conhecidos em Portugal. Este número ultrapassa, em muito, os meus resultados.

Mas, respondendo à pergunta, direi que estamos a assistir a um aumento gradual do número de lepidopterólogos portugueses que se estão a tornar, ou já são, especialistas. Acho que podemos contar com eles para manter os mais altos padrões científicos na identificação e recolha de dados. Este é um aspeto importante porque, alguns recursos da Internet fornecem a identificação imediata, mas incorreta, de borboletas noturnas a partir de fotos. Por vezes, a identificação é feita por “especialistas” que vivem noutros países e que não têm o conhecimento real das espécies que ocorrem em Portugal. Este é um aspeto negativo que pode destruir todo o trabalho que tenho feito na verificação das identificações das espécies portuguesas.

No futuro, espero que o trabalho de campo direcionado continue a aumentar a fauna de borboletas noturnas portuguesas, concentrando-se nas áreas do país mais negligenciadas e nas espécies que não são facilmente atraídas pela luz. O conhecimento pormenorizado da maioria das espécies portuguesas vem de fora do país. Ainda há, portanto, muito para fazer neste campo.

REBN: Por fim, destaca alguma espécie de macro-borboleta? Qual ou quais as características que a tornam a sua favorita?



Clostera curtula

Foto: J. Teixeira



Biston strataria

Fotos: Ana Valadares



Dypterygia scabriuscula



Catocala fraxini

Fotos: Ana Valadares

MC: Existem tantas borboletas noturnas muito bonitas que é difícil escolher apenas uma. Gosto muito de espécies com posições de repouso, ou formatos de asa, fora do comum, como *Clostera curtula* e *Scoliopteryx libatrix*. Também gosto de espécies com marcações invulgares nas asas, algumas têm mesmo pinceladas ousadas como a *Dypterygia scabriuscula* ou *Aporophyla nigra* que, apesar de ser preta, apresenta um padrão bem visível. Mas, no meu coração, tenho um lugar especial para as borboletas noturnas verdes ou cinza claro que fazem lembrar líquenes, como a *Gripesia aprilina*, *Nyctobrya muralis*, *Biston strataria* e *Lithophane ornitopus*. Destaco, ainda, a *Acronicta alni* de cor cinza, com grandes manchas pretas nas asas. No entanto, o meu género preferido é mesmo *Catocala*, com as suas asas anteriores enigmáticas, que fazem lembrar líquenes nas paredes, nas rochas ou em troncos de árvores, e as asas posteriores surpreendentemente diferentes com marcas vermelho ou amarelo vivo e preto. A mais espetacular é, sem dúvida, a *Catocala fraxini*, a maior borboleta deste género e a única com asas posteriores azuis.